



INDICAÇÕES DE LEITURA



PRÉ-HISTÓRIA

É sempre bom termos referências sérias.

As listas apresentadas, iniciando por esta sobre a Pré-História foram extraídas do site do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BOURGUIGNON, André. História Natural do Homem. O homem imprevisto. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

BRAIDWOOD, Robert. Homens Pré-Históricos. Brasília: UNB, 1988.

FUTUYMA, Douglas. Biologia Evolutiva. São Paulo: Sociedade Brasileira de genética, 1992.

LEROI-GOURHAN, André. Pré-História. São Paulo: Pioneira/USP, 1981.

MORGAN, Lewis. A Sociedade Primitiva. Lisboa: Presença, s/d.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CLARK, Grahame. A identidade do homem. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. A pré-história. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

ELDREDGE, N; TATTERSALL, Ian. Os mitos da evolução humana. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

FOLEY, Robert. Apenas uma espécie única. São Paulo :EDUSP, 1993.

GOULD, Stephan Jay. O polegar do Pampa: reflexões sobre história natural. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. Darwin e os grandes enigmas da natureza. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LEAKEY, Richard. A origem da espécie humana. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.



IDADE ANTIGA

A Idade Antiga ou Antiguidade foi o período da história que se desdobrou desde a invenção da escrita (4000 a.C. a 3500 a.C.) até a queda do Império Romano do Ocidente (476 d.C.) e início da Idade Média (século V). Neste período temporal constatamos que as chamadas civilizações antigas, que conhecem a escrita, coexistem com outras civilizações, escrevendo sobre elas (Proto-História).

Diferentes povos se desenvolveram na Idade Antiga, entre elas as civilizações do Egito, Mesopotâmia, China, as civilizações clássicas como Grécia e Roma, os Persas, os Hebreus, os Fenícios, além dos Celtas, Etruscos, Eslavos, dos povos germanos (visigodos, ostrogodos, anglos, saxões,) entre outros.

A Antiguidade foi um período importantíssimo da história, pois nessa época teve início a formação de Estados constituídos com certo grau de nacionalidade, territórios e organização mais complexas que outras cidades encontradas antes desse período da história.

Fonte: Site Só História



IDADE ANTIGA OCIDENTAL

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ANDERSON, Perry. Passagens da Antigüidade ao Feudalismo. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. A Cidade-Estado Antiga. São Paulo: Ática, 1987.
- FINLEY, Moses. Escravidão antiga e moderna. Rio de Janeiro: Graal, 1991.
- FLORENZANO, Maria Beatriz. O Mundo Antigo: economia e sociedade. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- PERRY, Marvin. Civilização Ocidental: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- BALDRY, H.C. A Grécia Antiga: cultura e vida. Lisboa: Verbo, 1969.
- BLOCH, Leon. Lutas sociais na Roma Antiga. Lisboa: Europa-América, 1974.
- CERAM, C.W. Deuses, túmulos e sábios. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo: Ática, 1996.
- ELIADE, Mircea. Mito e realidade. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- _____. História das crenças e das idéias religiosas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- FÉLIX, Loiva; GOETTEMS, Miriam (org.). Cultura Grega Clássica. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1989.
- FERRERO, Guglielmo. Grandeza e decadência de Roma. Porto Alegre: Globo, 1965. 5 volumes.
- FINLEY, Moses. A política no Mundo Antigo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- GUARINELO, Norberto. Imperialismo greco-romano. São Paulo: Ática, 1987.
- HATZFELD, Jean. História da Grécia Antiga. Lisboa: Europa-América, 1977.
- HERÓDOTOS. História. Brasília: UnB, 1988.



INDICAÇÕES DE LEITURA

KITTO, H.D.F. Os Gregos. Coimbra: Armênio Amado, 1980.

KÜNG, Hans. Igreja Católica. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

McEVEDY, Colin. Atlas de História Antiga. São Paulo: Verbo/Editora da USP, 1979..

MONTESQUIEU. Grandeza e decadência dos romanos. São Paulo: Paumape, 1995.

MOSSE, Claude. Atenas: a história de uma democracia. Brasília: UnB, 1982.

MUNFORD, Lewis. A cidade na História. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965.

ROSTOVTZEFF, Michael. História da Grécia. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

Fonte: Departamento de História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)



IDADE ANTIGA ORIENTAL

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS BÁSICAS

ANÔNIMO. A Epopéia de Gilgamesh. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOUZON, Emanuel. Ensaio Babilônicos: Sociedade, Economia e Cultura na Babilônia Pré-Cristã. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. [Coleção História 19].

CARDOSO, Ciro Flamarion S. Sociedades do Antigo Oriente Próximo. São Paulo: Ática, 1986.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMPLEMENTARES

CARDOSO, Ciro Flamarion S. O Egito Antigo. São Paulo: Brasiliense, 1982 [Coleção Tudo é História].

FINKELSTEIN, I.; SILBERMAN, N.A. A Bíblia não tinha razão. São Paulo: A Girafa Editora, 2003.

GARELLI, Paul. O Oriente Próximo asiático: das origens às invasões dos povos do mar. São Paulo: Pioneira e EDUSP, 1982.

MARGUERON, Jean-Claude. Los Mesopotámicos. Madrid: Cátedra, 1996.

TRIGGER, B.G. et al. Historia del Egipto Antiguo. Barcelona: Ed. Crítica, 1985.

Fonte: Projeto Político Pedagógico (PPC) do Curso de História da ULBRA Campus Gravataí de 2007.



IDADE MÉDIA

A Idade Média começou com a queda do Império Romano do Ocidente, em 476 d.C., e se encerrou com a tomada da capital do Império Bizantino, Constantinopla, pelos turcos-otomanos, em 1453. Esse período costuma ser dividido em dois: Alta e Baixa Idade Média.

A Alta Idade Média estendeu-se do século V ao X. Foi a época de consolidação, na Europa Ocidental, do feudalismo, sistema socioeconômico predominante na era medieval. No Oriente, porém, em vez da descentralização política feudal, o período foi marcado por dois fortes impérios: o Bizantino e o Árabe.

A Baixa Idade Média vai do século XI até o fim do período medieval, no século XV. É quando o feudalismo chegou ao auge e entrou em decadência. Lentamente, ele começou a sofrer transformações que só se concluiriam na Idade Moderna, quando seria substituído, no campo político, pelas monarquias nacionais e, no econômico, pelo sistema mercantilista.

Por séculos, a Idade Média foi tida como uma época de insignificante desenvolvimento científico, tecnológico e artístico. Essa visão nasceu durante o Renascimento, no século XVI, quando o período medieval foi apelidado de Idade das Trevas.

Marcam este período o feudo como base econômica, a estrutura política baseada no sistema de vassalagem e suserania, certo estatismo social, onde havia pouca mobilidade e uma forte hierarquia entre classes e o domínio da Igreja no cenário religioso. Além disso, as guerras medievais e a peste negra dizimaram boa parte da população da época.

O período da Idade Média também foi responsável por importantes avanços, sobretudo no que diz respeito à produção agrícola: inventaram-se o moinho, a charrua (um arado mais eficiente) e técnicas de adubamento e rodízio de terras.



INDICAÇÕES DE LEITURA

Outra herança medieval são as universidades, que começaram a surgir na Europa no século XIII. Além disso, desenvolveram-se importantes movimentos artísticos, como o românico e o gótico; viveram influentes filósofos, como Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino; e, graças ao trabalho dos monges, preservou-se a cultura greco-romana – o que possibilitaria, aliás, o surto de revalorização da Antiguidade Clássica ocorrido durante o Renascimento.

Fonte do texto: Centro de Ensino Unificado



IDADE MÉDIA

A Idade Média começou com a queda do Império Romano do Ocidente, em 476 d.C., e se encerrou com a tomada da capital do Império Bizantino, Constantinopla, pelos turcos-otomanos, em 1453. Esse período costuma ser dividido em dois: Alta e Baixa Idade Média.

A Alta Idade Média estendeu-se do século V ao X. Foi a época de consolidação, na Europa Ocidental, do feudalismo, sistema socioeconômico predominante na era medieval. No Oriente, porém, em vez da descentralização política feudal, o período foi marcado por dois fortes impérios: o Bizantino e o Árabe.

A Baixa Idade Média vai do século XI até o fim do período medieval, no século XV. É quando o feudalismo chegou ao auge e entrou em decadência. Lentamente, ele começou a sofrer transformações que só se concluiriam na Idade Moderna, quando seria substituído, no campo político, pelas monarquias nacionais e, no econômico, pelo sistema mercantilista.

Por séculos, a Idade Média foi tida como uma época de insignificante desenvolvimento científico, tecnológico e artístico. Essa visão nasceu durante o Renascimento, no século XVI, quando o período medieval foi apelidado de Idade das Trevas.

Marcam este período o feudo como base econômica, a estrutura política baseada no sistema de vassalagem e suserania, certo estatismo social, onde havia pouca mobilidade e uma forte hierarquia entre classes e o domínio da Igreja no cenário religioso. Além disso, as guerras medievais e a peste negra dizimaram boa parte da população da época.



INDICAÇÕES DE LEITURA

O período da Idade Média também foi responsável por importantes avanços, sobretudo no que diz respeito à produção agrícola: inventaram-se o moinho, a charrua (um arado mais eficiente) e técnicas de adubamento e rodízio de terras.

Outra herança medieval são as universidades, que começaram a surgir na Europa no século XIII. Além disso, desenvolveram-se importantes movimentos artísticos, como o românico e o gótico; viveram influentes filósofos, como Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino; e, graças ao trabalho dos monges, preservou-se a cultura greco-romana – o que possibilitaria, aliás, o surto de revalorização da Antiguidade Clássica ocorrido durante o Renascimento.

Fonte do texto: Centro de Ensino Unificado

Bibliografia:

ABRAMSON, M Et Alli. História da Idade Média. Lisboa: Estampa, 1978, 3 vols.

ANDERSON, Perry. Passagens da Antiguidade para o Feudalismo. São Paulo; Brasiliense, 1979.

BANNIARD, Michel. A alta Idade Média Ocidental. Lisboa: Verbo, 1972.

BARRACLOUGH, Geoffrey. Os papas na Idade Média. Lisboa: Verbo, 1972.

BLOCH, Marc. A Sociedade Feudal. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

_____. Os Reis taumaturgos. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

BOLTON, Brenda. A Reforma na Idade Média. Lisboa: edições 70, 1984.

BONNASSIÉ, Pierre. Dicionário de História Medieval. Lisboa: Don Quixote, 1985.

CERM (Centre d'Études et Recherches Marxistes). Sobre o Feudalismo. Lisboa: Estampa,

1978

COHN, Norman. Na Senda do Milênio. Lisboa: Presença, 1984

DOBB, Maurice. A evolução do capitalismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

D'HAUCOURT, Geneviève. A vida na Idade Média. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

DUBY, Georges. Guerreiros e Camponeses. Lisboa: Estampa, 1980.

_____. O Ano Mil. Lisboa: Ed. 70/São Paulo: Martins Fontes, 1988



INDICAÇÕES DE LEITURA

- _____. As três ordens ou o imaginário do feudalismo Lisboa: Estampa, 1980.
- _____. O Tempo das Catedrais. Lisboa: Estampa, 1979
- _____. A Sociedade cavaleiresca. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____. A Europa na Idade Média. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- _____. Idade Média, Idade dos homens: do amor e outros ensaios. São Paulo: Cia.
- GROUSSET, René. As Cruzadas São Paulo: Difel, 1965
- HERRS, Jacques. História Medieval. São Paulo: Difel, 1981.
- _____. Escravos e domésticos na Idade Média. São Paulo: Difel, 1983
- HOLMES, George. A Europa na Idade Média (1320-1450) Lisboa: Presença, 1984.
- HUIZINGA, Johan. O declínio da Idade Média São Paulo: Verbo/Edusp, 1978.
- LE GOFF, Jacques. La baja Edad Media. Madrid: Siglo XXI, 1971.
- _____. Mercadores e banqueiros da Idade Média. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- _____. Os intelectuais na Idade Média. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. Por um outro conceito de Idade Média. Tempo, Trabalho e cultura no Ocidente. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.
- _____. A civilização do Ocidente Medieval. Lisboa: Editorial Estampa, 1995 (2 vols)
- _____. O Apogeu da Cidade Medieval. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. O Imaginário Medieval. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- LOPEZ, Robert. A cidade medieval. Lisboa: Presença, 1988.
- PERROY, Édouard. A Idade Média. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1977 (História Geral das Civilizações 6, 7, 8).
- PINSKY, Jaime. Modo de Produção Feudal. São Paulo: Global, 1982.
- PIRENNE, Henri. História econômica e social da Idade Média. São Paulo: Mestre Jou, 1963.
- _____. As cidades da Idade Média. Lisboa: Europa/América, 1973
- QUEIROZ, Tereza Aline. As heresias medievais. São Paulo: Atual, 1988.
- SILVA, F. C. Teixeira. Sociedade Feudal: Guerreiros, Sacerdotes, Trabalhadores. São Paulo:



INDICAÇÕES DE LEITURA

Brasiliense, 1982.

SLICHER VAV BATH, B. H. História agrária da Europa Ocidental (500-1850) Lisboa:

Presença, 1984.

WOLFF, Philippe. Outono da Idade Média ou primavera dos tempos modernos?
São Paulo:

Martins Fontes, 1988.

VAUCHEZ, André. A espiritualidade na Idade Média ocidental: séculos VIII ao XII.
Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

Fonte: Departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Publicado originalmente em: <https://falando-historia.blogspot.com.br/2013/02/bibliografia-sobre-idade-media.html>



IDADE MODERNA

A Idade Moderna é um período após os 1000 anos da Idade Média. Época de grandes transformações que culminaram no mundo pós-moderno de hoje.

No sentido cultural, destacamos: o Renascimento Cultural que inverteu a ordem do pensamento medieval (teocentrista) para o antropocentrismo, passando pela Reforma Protestante que promoveu uma democratização da leitura da Bíblia que alavancou a Alemanha a um desenvolvimento intelectual e cultural presente até os dias atuais e o Iluminismo movimento nascido no século XVII que propôs mudanças na estrutura política, social e cultural que impulsionaram o surgimento da Revolução Francesa em 1789 (marco inicial da Idade Contemporânea).

No campo econômico destaca-se a

Revolução Industrial, que substituiu o trabalho artesanal pelo da indústria (produção em larga escala). Os primeiros passos do capitalismo que veio a substituir o feudalismo em crise desde o século XIV.

Neste período ocorrem as grandes navegações marítimas, Portugal e Espanha lideram este processo que culminam nas descobertas (ou invasões) do Brasil e da América Latina e no processo extrativista de riquezas.

ANDERSON, Perry. Linhagens do estado absolutista. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na idade média e no

Renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1987.

BLOCH, Marc. Os Reis Taumaturgos. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.



INDICAÇÕES DE LEITURA

BURCKHARDT, Jacob. A cultura do Renascimento na Itália. SP: Cias das Letras, 1991.

BURKE, Peter. A cultura popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800. São Paulo, Cia das Letras, 1991.

CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

Complementar:

DARNTON, R. Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, 241p

DARNTON, Robert. O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DAVIS, Natalie Zemon. Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França Moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização, tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, vol. 2, 1993.

ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes, tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, vol. 1, 1990.

FERRO, Marc. . História das colonizações. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

FOUCAULT, Michel. Governamentalidade. In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. São Paulo: Graal, 1996.

GAY, Peter. O coração desvelado: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia da Letras, 1988.

GINSZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: cia. Das Letras, 1987.

HILL, Christopher. O mundo de ponta cabeça: idéias radicais durante a



INDICAÇÕES DE LEITURA

revolução inglesa de 1640. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

HOBBSAWM, Eric. A era das Revoluções. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996

HOBBSAWM, Eric. A era do Capital. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HOBBSAWM, Eric. As origens da revolução industrial. São Paulo: Global, 1979.

HUNT, Lynn Avery. Política, cultura e classe na Revolução Francesa. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 342p

HUNT, Lynn. A invenção dos direitos humanos: uma história. São Paulo (SP): Companhia das Letras, 2009. 285 p

KANT, Immanuel. Resposta a pergunta: O que é esclarecimento (Aufklärung). In: Op. Cit. Textos seletos. Petrópolis: Vozes, 1985.

LE ROY LADURIE, Emmanuel. História dos camponeses franceses: da Peste Negra à Revolução. Rio De Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (2 vls.)

LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. Romantismo e política. Tradução de Eloísa de Araújo Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

MARX, Karl. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. Textos. Vol. III. São Paulo: Edições Sociais, 1977.

NOVAES, Adauto. (org.) A descoberta do homem e do mundo. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

REVEL, Jacques. A invenção da sociedade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: DIFEL, 1989. 269p

THOMAS, Keith. O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Cia das Letras, 1991.

THOMPSON, E.P. Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São



INDICAÇÕES DE LEITURA

Paulo: Forense Universitária, 1995.

WOLFF, Philippe. Outono da idade média ou primavera dos tempos modernos? São Paulo: Martins Fontes, 1988

Fonte: CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED/UDESC



INDICAÇÕES DE LEITURA



IDADE MODERNA



Por Rainer Sousa

Compreender o mundo contemporâneo do ponto de vista histórico é uma tarefa bastante complicada. Nesse período que se inicia no século XIX e vem até os dias de hoje, o historiador se depara com um fluxo de acontecimentos muito mais intenso do que em qualquer outro momento da História. De fato, tem-se a nítida impressão que a história começa a ficar mais acelerada e a função de refletir sobre os acontecimentos acaba ficando bastante complexa.

Um primeiro fator que explica essa nova configuração tem a ver com o processo de urbanização que se espalha em várias partes do mundo. A concentração de pessoas promove uma ampla cadeia de inflexões na divulgação de informações, na produção de bens de consumo e no próprio ritmo de vida de cada indivíduo. As horas e os dias começam a ser unidades de tempo cada vez mais frágeis, seja em relação ao fluxo de coisas que acontecem ou sob as expectativas do homem para com o futuro.



INDICAÇÕES DE LEITURA

Além disso, podemos também contabilizar um fator de ordem biológico bastante significativo. O avanço da medicina e o aprimoramento das condições de vida estabeleceram o prolongamento da nossa expectativa de vida. Com isso, o número de pessoas presentes no planeta se avolumou e, conseqüentemente, o desenvolvimento de ações históricas também sofreu um visível incremento. Isso sem levar em conta o avanço dos meios de comunicação que dinamizam a circulação de tais acontecimentos.

O grande volume de fatos históricos a serem compreendidos na Idade Contemporânea acabou demonstrando um novo lugar para este campo do conhecimento. Com tantas transformações acontecendo, ficou cada vez mais nítido que a função de historiador não tem nada a ver com a elaboração de projeções para o futuro. A ciência histórica fica mais próxima de uma noção de que as formas de se ver o passado são atreladas aos valores do tempo presente.

Com isso, mesmo com a modernização na fabricação e no armazenamento de informações, o estudo dos fatos contemporâneos não se mostra cristalizados ou presos aos grandes nomes, instituições e datas. O historiador ou o simples amante de História se transforma em um intérprete da cultura que vagueia pelo passado fundando outras possibilidades de compreendê-lo e, ao mesmo tempo, no modo de olhar o seu mundo. Sendo assim, como definimos a Idade Contemporânea? Apenas o tempo irá dizer.

Texto extraído de: <http://historiadomundo.uol.com.br/idade-contemporanea/>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS BÁSICAS

HOBBSAWN, Eric. A Era do Capital (1848-1875). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. A Era das Revoluções (1789-1848). . 6.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

MARQUES et al. História Contemporânea Através de Textos. São Paulo: Contexto, 1991.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMPLEMENTARES



INDICAÇÕES DE LEITURA

PERROT, Michelle. Os Excluídos da História. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

PERROT, Michelle.(Org.). História da Vida Privada. v.4 Da Revolução francesa á Primeira Guerra.São Paulo: Companhia das Letras. 2001.

REIS FILHO, Aarão et al. O Século XX. v. 1, 2, 3. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.2000.

THOMPSON, E. A Formação da Classe Operária Inglesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. Costumes em Comum. São Paulo: Companhia da Letras. 1998.

Projeto Político Pedagógico (PPC) do Curso de História da ULBRA Campus Gravataí de 2007.

Publicado originalmente em: <https://falando-historia.blogspot.com.br/2013/02/bibliografia-sobre-idade-contemporanea.html>



HISTÓRIA DO BRASIL

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS BÁSICAS

FERNANDES, Florestan. A Revolução Burguesa no Brasil: ensaios de interpretação sociológica. São Paulo: Globo, 2006.

KOSHIBA, Luiz e PEREIRA, Denise Manzi Frayse. História do Brasil no contexto da história ocidental. São Paulo: Atual, 2003.

MATTOSO, Kátia de Queirós. Ser escravo no Brasil. Tradução: James Amado. São Paulo: Brasiliense, 2003.

CHAUÍ, Marilena. Brasil: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

CARVALHO, José Murilo de. Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PRADO JÚNIOR, Caio. História econômica do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 2004.

GORENDER, Jacob. O Brasil em preto & branco. São Paulo: Editora Senac, 2000.

WILLIAMS, Eric. Capitalismo e escravidão. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

COSTA, Emília Viotti da. O escravo na grande lavoura. In: História geral da civilização brasileira. Vol.

O Brasil monárquico. Direção de Sérgio Buarque de Holanda, assistido por Pedro Moacyr Campos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

COSTA, Emília Viotti da. Da Senzala à Colônia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

KOWARICK, Lúcio. Trabalho e Vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

MARTINS, José de Souza. O Cativo da Terra. São Paulo: Hucitec, 2004.

FURTADO, Celso. Formação Econômica do Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.

SAES, Décio. A formação do Estado burguês no Brasil (1888-1891). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SCHWARCZ, Lília Moriz. O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil –1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.



INDICAÇÕES DE LEITURA

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. Indústria, trabalho e cotidiano: Brasil, 1889 a 1930. São Paulo:Atual.

MATTOS, Marcelo Badaró. Trabalhadores e Sindicatos no Brasil. Rio de Janeiro: Vício de Leitura,2002.

VARGAS, João Tristan. O trabalho na ordem liberal: o movimento operário e a construção do Estadona Primeira República. Campinas: UNICAMP/CMU, 2004.

VIANNA, Luiz Werneck. Liberalismo e Sindicato no Brasil. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

NOGUEIRA, O. Pupo. A indústria em face das leis do trabalho. Escolas Profissionaes Salesianas. São Paulo, 1935.

MORAES FILHO, Evaristo de. Tratado elementar de direito do trabalho. Rio de Janeiro/São Paulo:Freitas Bastos, 1960.

Outras referências <https://www.jorgesoutomaior.com/indicaccedilotildees-de-bibliografia.html>



HISTÓRIA DO BRASIL

Descoberta ou invasão?¹

Francisco Iglésias²

Discute-se a legitimidade da expressão descobrimento para o encontro de novas terras e populações no expansionismo dos séculos XIV e XV. O novo horizonte histórico resultante é marco na História, configurando o começo dos tempos modernos. Importa destacar o encontro de culturas diferentes, como se dá com a chegada do europeu à América. Do convívio dessas culturas resultou o processo de mútuas influências. Se o europeu impôs mais os seus padrões, também absorveu traços culturais dos índios. O Novo Mundo é visto a princípio mais como Geografia do que como História. Só a ciência social moderna compreende o problema, apontando-lhe solução.

Quando você estuda os conteúdos de História Moderna, logo se depara com os temas das grandes navegações e das expansões marítimas portuguesa e espanhola. Pois bem, isso caracteriza o que os historiadores denominam de A Era dos Descobrimentos. A essa era, sucedeu o processo de colonização, isto é, a ocupação efetiva das novas terras descobertas.

Pacto Colonial³

Por Me. Cláudio Fernandes

Dentro do processo de colonização, em especial da colonização portuguesa, houve o desenvolvimento de um sistema de relação entre a Metrópole (o Império Português) e as Colônias (Brasil e outras) denominado de Pacto Colonial.



INDICAÇÕES DE LEITURA

O Pacto Colonial (também conhecido como Exclusivo Metropolitano), como o próprio nome indica, era um acordo de exclusividade comercial, isto é, o que os colonos produziam no Brasil, como o açúcar (nos Engenhos Nordestinos), não poderia ser comercializado com outras nações, mas apenas com Portugal, que era a sua Metrópole. Sendo assim, as colônias portuguesas eram encaradas como uma extensão do império.

Esse pacto buscava impedir que as riquezas coloniais fossem usurpadas por nações concorrentes, já que o ambiente político e econômico dessa época possuía um viés extremamente competitivo e, por vezes, muito violento. Tratava-se do sistema mercantilista.

O mercantilismo foi o sistema econômico-comercial que vigorou durante a modernidade (de meados do século XVI até as últimas décadas do século XVIII). Não houve apenas uma forma de prática mercantil, mas todas elas se caracterizavam pela busca de matérias-primas nas Américas recém-descobertas, pela busca de metais preciosos e por uma balança comercial que favorecesse todo o empreendimento, ou seja, a obtenção de lucros sobre o que se investia. Isso exigia variadas formas de proteção sobre o que dava lucro.

O Pacto Colonial era a forma encontrada pelos Estados, como o Português, de garantir os lucros da coroa e resguardar-se contra possíveis investidas de nações estrangeiras.

Referências Bibliográficas sobre História da América

ACOSTA, José de. De procuranda indorum salute. Madrid: CSIC, 1984-1987.

_____. Historia natural y moral de las Indias, en que se tratan las cosas notables del cielo, y elementos, plantas, y animales dellas; y los ritos, cerimónias, leyes y gobierno y guerras de los Indios (1590). México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

CIEZA DE LEÓN, Pedro. Crónica del Perú (1550-54). Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2005.

Códigos negros de la América española (1768, 1769, 1784, 1789, 1826, 1842). In: Manuel Lucena



INDICAÇÕES DE LEITURA

Salmoral. Los códigos negros de la América española. S.I: Ediciones Unesco/ Universidad de Alcalá, 1996.

CORTÉS, Hernán. Cartas de Relación (Sevilla, 1522). México: Porrúa, 1983.

DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. Historia verdadera de la conquista de la Nueva España. Introducción y

notas de Joaquín Ramírez Cabañas. México: Porrúa, [1955] 1986.

DURÁN, Diego. Historia de las Indias de Nueva España e Islas de la Tierra firme. 2 vols. México: Porrúa, 2006.

GARCILASO DE LA VEGA, Inca. Comentarios reales de los Incas e Historia general del Perú (1609). México: Porrúa, 2006.

GÓMARA, Francisco López de. Historia de la conquista de México. México: Porrúa, 2006.

GUAMÁN POMA DE AYALA, Felipe. Nueva Corónica y buen gobierno (1615-1616). 3 vols. México: FCE, 2005. (disponible em: <http://www.kb.dk/permalink/2006/poma/info/es/frontpage.htm>).

KONETZKE, Richard. Colección de documentos para la historia de la formación social de Hispanoamerica. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1953-.

LAS CASAS, Bartolomé de & GINÉS DE SEPÚLVEDA, Juan. Apología de Juan Ginés de Sepúlveda contra ray Bartolomé de Las Casas y de fray Bartolomé de Las Casas contra Juan Ginés de Sepúlveda (1550). Ed. A. Losada. Madrid: Nacional, 1975.

_____. Apologética historia sumaria (1522-1559). Ed. Edmundo O’Gorman. 2 vols. México: 1967.

_____. De regia potestate (1571). Madrid: C.S.I.C., 1969.

_____. Doctrina. México: UNAM, 1982.

_____. Tratados. 2 vols. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

_____. Único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião (c.1537). São Paulo: Paulus, 2005.

LÓPEZ MEDEL, Tomás. De los tres elementos. (c.1570). Madrid: Alianza editorial, 1990.

MATIENZO, Juan de. Gobierno del Perú (1567). Paris/Lima: Institut Français d’Études Andines, 1967.

MENDIETA, Gerónimo de. Historia eclesiástica indiana. México: Porrúa, 1993.



INDICAÇÕES DE LEITURA

MONTOYA, Antonio Ruiz de. Arte, vocabulario, tesoro y catecismo de la lengua guaraní. Edição de Bortomeu Melià. 4 vols. São Paulo: Nhanduti, 2011.

_____. Conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

MOTOLINÍA, Toribio de. Historia de los indios de la Nueva España. México: Porrúa, 2007.

ONDEGARDO, Polo de. El mundo de los incas. Madrid: Historia 16, 1990.

OVIEDO, Gonzalo Fernández de. Sumario de la natural historia de las Indias (1535). México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

PEÑA, Juan de la. De bello contra insulanos. 2 vols. Madrid: C.S.I.C., 1982.

PIZARRO, Francisco. Testimonio (documentos oficiales, cartas y escritos varios). Ed. Guillermo Lohmann

Villena. Madrid: C.S.I.C./ Centro de Estudios Históricos/ Departamento de Historia de América “Fernández de Oviedo”, 1986.

QUIROGA, Pedro de. Coloquios de la verdad. Valladolid: Instituto de Cooperación Iberoamericana? CasaMuseo Colón/Seminario americanista, 1992.

QUIROGA, Vasco de. “Información en derecho” (1535). In: Idem. La utopía en América. Madrid: Historia 16, 1992, pp. 63-248.

SAHAGÚN, Bernardino de. Historia general de las cosas de Nueva España. México: Porrúa, 2006.

SANDOVAL, Alonso de, De instauranda Æthiopum salute (Sevilla, 1627). Trad. esp.: Un tratado sobre la esclavitud, intr., transcr. y trad. Enriqueta Vila Vilar, Madrid, Alianza editorial, 1987.

SARMIENTO DE GAMBOA, Pedro. “Historia Indica” (1572). In: Levillier, Roberto. Don Francisco de Toledo, supremo organizador del Peru. Su vida, su obra (1515-1582). Buenos Aires: s.ed., 1942.

SEPÚLVEDA, Juan Ginés de. Demócrates Segundo o de las justas causas de la guerra contra los indios. Madrid: C.S.I.C./ Instituto Francisco de Vitoria, 1984.

SILVA, Juan. “Memoriales”. In: Paulino Castañeda Delgado. Los memoriales del Padre Silva sobre la predicación pacífica y los repartimientos. Madrid: C.S.I.C., 1983, pp. 215-386.

SOLÍS, António de. Historia de la conquista de México. México: Porrúa, 1996.

SOLÓRZANO PEREIRA, Juan de (1575-1655). De indiarum iure (liber III: De retentione indiarum) (1629). Madrid: CSIC, 1994.



INDICAÇÕES DE LEITURA

TOLEDO, Francisco de. Disposiciones gubernativas para el Virreinato del Perú. Ordenanzas de indios

(1570-1574). Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos/ C.S.I.C./ Monte de Piedad y Caja de Ahorros de Sevilla, 1986-1989.

VALADÉS, Diego. Retórica cristiana. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.

VERA CRUZ, Alonso de la. De decimis (1554-1555) e De dominio (1553-1554). In: The writings of Alonso de la Vera Cruz. Ernest Burrus (ed.). 4 vols. Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1968-1972.

VESPUCCI, Amerigo. “Mundus Novus. Carta a Lorenzo Pier de Medici” e “Quatro viagens”. In: Novo Mundo. As cartas que batizaram a América. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

VITORIA, Francisco de. Relectio de indis (1537-1539). Trad. esp.: Madrid: CSIC, 1989.

Bibliografia secundária:

ADORNO, Rolena. Guaman Poma. Writing and resistance in Colonial Peru. 2ª edição. Austin: University of Texas Press, 2000.

ANDRÉS-GALLEGO, José (org.). Tres grandes cuestiones de la Historia de Iberoamérica. Madrid: Fundación Ignacio Larramendi/ Fundación Mapfre Tavera, 2005.

BERNAND, Carmen (org.). Descubrimiento, conquista y colonización de América a quinientos años. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

_____ & GRUZINSKI, Serge. História do Novo Mundo. Vol. 1: Da descoberta à conquista, uma experiência europeia (1492-1550). Vol. 2: As mestiçagens. São Paulo: Edusp, 1997 e 2006.

BETHELL, Leslie (org.). História da América Latina. América Latina Colonial. 2 vols. São Paulo/

Brasília: EDUSP/ Fundação Alexandre de Gusmão, 1998-1999.

BONILLA, Heraclio. Os conquistados: 1492 e a população indígena das Américas. São Paulo: Hucitec, 2006.

BOXER, Charles R. A Igreja militante e a expansão ibérica, 1440-1770. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 (1978).

BRUFAU PRATS, Jaime. La Escuela de Salamanca ante el descubrimiento del Nuevo Mundo. Salamanca: San Esteban, 1989.



INDICAÇÕES DE LEITURA

CARRO, Venancio Diego. La teología y los teólogos-juristas españoles ante la conquista de América.

Salamanca: Apartado 17, 1951.

CHAUNU, Pierre. Sevilha e América nos séculos XVI e XVII. São Paulo: Difel, 1980.

_____. Expansão europeia do século XIII ao XV. São Paulo: Pioneira/Edusp, 1978.

COSTA, Emília Viotti da. Coroas de glória, lágrimas de sangue. A rebelião dos escravos de Demerara em

1823. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ELLIOT, John H. O velho mundo e o novo: 1492-1650. Lisboa: editorial Quercus, 1984 (1970).

ESTENSSORO FUCHS, Juan Carlos. Del paganismo a la santidad. La incorporación de los indios del Perú al catolicismo, 1532-1570. Lima: IFEA/ Instituto Riva-Agüero, 2003.

FARRIS, Nancy M. Maya society under colonial rule; the collective enterprise of survival. Princeton: Princeton University Press, 1992.

GARCÍA AÑOVEROS, Jesús María. El pensamiento y los argumentos sobre la esclavitud en Europa en el siglo XVI y su aplicación a los índios americanos y a los negros africanos. Madrid: C.S.I.C., 2000.

GEGGUS, David P. (ed). The Impact of Haitian Revolution in the Atlantic World. Columbia, SC: The University of South Carolina Press, 2001.

GERBI, Antonello. O Novo Mundo. História de uma polêmica. 1750-1900. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GIBSON, Charles. The Aztecs under Spanish rule. A History of the Indians of the Valley of Mexico, 1519-

1810. Stanford: Stanford University Press, 1964.

GÓNGORA, Mario. Studies in the Colonial History of Spanish America. London/ New York/ Melbourne: Cambridge University Press, 1975.

GRUZINSKI, Serge. A colonização do imaginário. Sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol (séculos XVI-XVIII). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HANKE, Lewis. La lucha por la justicia en la conquista de América. Madrid: Istmo, 1988 (1949).

_____. La humanidad es una. México: Fondo de Cultura Económica, 1985.



INDICAÇÕES DE LEITURA

HERNÁNDEZ DE LEÓN PORTILLA, Ascensión. Bernardino de Sahagún. Diez estudios acerca de su obra. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

HYLAND, Sabine. Gods of the Andes. An Early Jesuit Account of Inca Religion and Andean Christianity. Penn State University Press, 2011.

JAMES, Cyril L.R. Os Jacobinos Negros. Toussaint L'Ouverture e a Revolução de São Domingos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.

JULIEN, Catherine. Reading Inca History. Iowa City: University of Iowa Press, 2000.

LEVILLIER, Robert. Los Incas. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos, 1956.

LOCKHART, James. The men of Cajamarca. A social and biographical study of the first conquerors of Peru. Austin: University of Texas Press, 1972.

_____. The nahuas after the conquest. A social and cultural history of the Indians of Central Mexico, sixteenth through eighteenth centuries. Stanford, California: Stanford University Press, 1992.

LOHMANN VILLENA, Guillermo. El Corregidor de Indios en el Perú bajo los Austrias. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 2001.

LÓPEZ BARALT, Mercedes. Icono y conquista: Guamán Poma de Ayala. Madrid: Hiperion, 1988.

_____. Guaman Poma, autor y artista. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 1993.

MACCORMACK, Sabine. Rome, the Incas, Spain and Peru. Princeton: Princeton University Press, 2007.

_____. Religion in the Andes: vision and imagination in early colonial Peru. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1991.

MILLONES, Luis. Historia y poder en los Andes centrales (desde los orígenes al siglo XVI). Madrid: Alianza Editorial, 1987.

MORALES PADRÓN, Francisco. Teoría y leyes de la conquista. Madrid: Cultura Hispánica del Centro Iberoamericano de Cooperación, 1979.

MURRA, John. La organización económica del Estado inca. Tradução de Daniel R. Wagner. 4ª edição, México: Siglo Veintiuno / Instituto de Estudios Peruanos, 1987.

_____. El mundo andino. Población, medio ambiente y economía. Lima: IEP/Pontificia Universidad Católica del Perú, 2002.

_____; WACHTEL, Nathan & REVEL, Jacques (ed.). Anthropological History of Andean Polities. Cambridge: Cambridge University Press/ Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1986.



INDICAÇÕES DE LEITURA

- O'GORMAN, Edmundo. A invenção da América. São Paulo: ed. Unesp, 1992.
- OTS-CAPDEQUÍ, José María. Manual de Historia del Derecho español en las Indias y del derecho propiamente indiano. Buenos Aires: Editorial Losada, 1945.
- PAGDEN, Anthony. La caída del hombre natural: el indio americano y los orígenes de la etnología comparativa. (tradução Belén Urrutia Domínguez). Madrid: Alianza Editorial, 1988.
- PEASE, Franklin. Las crónicas y los Andes. México: Fondo de Cultura Económica/ Pontificia Universidad Católica del Perú/ Instituto Riva-Agüero, 1995.
- PIETSCHMANN, Horst. Las reformas borbónicas y el sistema de intendencias en la Nueva España. Um estudio político administrativo. Tradução Rolf Roland Meyer Mistelli. México: FCE, 1996.
- RICARD, Robert. La conquista espiritual de México. Ensayo sobre el apostolado y los métodos misioneros de las órdenes mendicantes en la Nueva España de 1523-4 a 1572. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.
- ROMANO, Ruggiero. Os Mmecanismos da conquista colonial. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- ROSTOROWSKI DE DIEZ CANSECO, María. Estructuras andinas del poder. Ideología religiosa y política. 3ª edição. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1988.
- _____. Historia del Tahuantinsuyu. 3ª edição. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1988.
- SCHWARTZ, Suart B. & LOCKHART, James. A América Latina na época colonial. Tradução Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002 (1983).
- SEED, Patricia. Cerimônias de Posse na Conquista Européia do Novo Mundo (1492-1640). São Paulo:Unesp, 1999.
- SWEET, David G. & NASH, Gary B (orgs.). Lucha por la supervivencia en la América colonial. México: Fondo de Cultura Económica, 1987.
- TARDIEU, Jean-Pierre. L'Eglise et les Noirs au Pérou, XVIe et XVIIe siècles. Paris: Harmattan/ Université de la Réunion, 1993.
- VAINFAS, Ronaldo (org.) América em Tempo de Conquista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- VERANO, John W. & UBELAKER, Douglas H. (eds.). Disease and demography in the Americas. Washington/ Londres: Smithsonian Institution Press, 1992.
- WACHTEL, Nathan. La vision des vaincus. Les indiens du Pérou devant la conquête espagnole (1530-1570). Paris: Gallimard, 1970.



INDICAÇÕES DE LEITURA

WILDE, Guillermo . Religi3n y poder en las misiones guaran3es. Buenos Aires: SB, 2009

WOLF, Eric R. A Europa e os povos sem hist3ria. S3o Paulo: Edusp, 2009.

ZAVALA, Silvio. Filosof3a de la Conquista. M3xico: Fondo de Cultura Econ3mica, 1947.

_____. Las instituciones jur3dicas en la conquista de Am3rica. 3ª ediç3o. M3xico: Porr3a, 1988.

_____. Los esclavos indios en Nueva Espa3a. M3xico: ed. de El Colegio Nacional/ Luiz Gonz3lez

Obreg3n, 1967.

_____. La encomienda indiana. 2ª ediç3o. M3xico: Porr3a, 1973.

_____. Ideario de Vasco de Quiroga. M3xico: s.ed., 1995.

_____. Ensayos sobre la colonizaci3n espa3ola en Am3rica. M3xico: Porr3a, 1978.

Fonte: USP – Faculdade de Filosofia, Letras e Ci3ncias Humanas

Departamento de Hist3ria

¹ Resumo do artigo publicado “Encontro de duas culturas: Am3rica e Europa”. Dispon3vel em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141992000100003>

² Professor em3rito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e membro do Conselho do Instituto Brasileiro de Pol3tica Cultural da Secretaria de Cultura e da Comiss3o de Hist3ria da UNESCO. 3 autor de v3rios livros, entre os quais Pol3tica econ3mica do governo provincial mineiro (1958), Hist3ria e ideologia (1971), A revoluç3o industrial (1981), Caio Prado J3nior (1982), A industrializaç3o brasileira (1985) e Joaquim Nabuco (1991).

³ Texto extra3do de <http://escolakids.uol.com.br/pacto-colonial.htm> de autoria de Cl3udio Fernandes que 3 graduado em hist3ria pela Faculdade de Hist3ria da Universidade Federal de Goi3s, 2006 a 2009. Mestre em hist3ria pelo Programa de P3s-Graduaç3o em Hist3ria da Universidade Federal de Goi3s, 2010-2012. 3rea de investigaç3o: teoria da hist3ria e hist3ria intelectual.